



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

IDEIAS E IDEAIS DE JUVENTUDE EM FORTALEZA NOS IDOS DE 1930 E 1940

Afonsina Maria Augusto Moreira*

A juventude, a adolescência, a infância são vistas e enfocadas como um sintoma de esperança e de crença redobrada no futuro. E, pre-ocupação no presente. Universidades, escolas, partidos políticos, associações ligadas à igreja (ou melhor, às várias religiões), instituições caritativas, indústrias, comércios, professores, psicólogos, terapeutas e, inelutavelmente, mães e pais, mais e mais, têm voltado sua atenção para a mocidade, apresentando cada um sua própria justificativa para tal. Esses debates acabam por se alastrar para as esferas da família, dos lojistas, das organizações não governamentais. E, no estabelecimento de centros e eventos comemorativos que visam congregar os jovens: congressos, conferências, encontros, festivais, caminhadas, marchas...

À análise da história cabe perscrutar experiências de juventude, ou melhor dito, as diferentes juventudes (a escolar, a literária, a feminina, a negra, a operária, a religiosa e por aí afora). Portanto, deve-se estar atento para o fato de que, em um mesmo período ou circunstância histórica, os jovens não devem ser tomados como algo homogêneo ou

* Professora substituta no Departamento de História da Universidade Federal do Ceará – UFC. Doutora em História pela PUC/SP com a Tese *No Norte da Saudade: esquecimento e memória em Gustavo Barroso*, 2006 (CNPq). Mestra em História pela PUC/SP com a Dissertação *A Juventude da Pátria A(r)mada: o Centro Estudantal Cearense em Fortaleza, 1931-1945*, 1999 (CNPq). Licenciada em História pela UFC, 1996.

uno; ou como formando um único e indivisível grupo, mas de uma forma plural, diversa e, em alguns casos, antagônica e adversária.

Desse modo, o objetivo aqui foi de compreender ideias e ideais de juventude, sobretudo estudantil, na cidade de Fortaleza, entre as décadas de 1930 e 1940. Com atenção às atividades advindas do Centro Estudantal Cearense – CEC, fundado em 1931. Primeira entidade estudantil destinada a aglutinar os estudantes das diversas escolas. Dentre as iniciativas do CEC, destaca-se aquela alusiva à construção da “Casa do Estudante do Ceará”.

A Casa do Estudante, que funcionou primeira e provisoriamente na esquina das ruas Senador Pompeu e São Paulo, no centro de Fortaleza, estava destinada a servir como morada, ponto de abrigo e referência aos estudantes vindos do interior do Estado ou àqueles mais desprovidos de posses e em situação financeira precária. A construção da sede definitiva e a manutenção da sede provisória eram orientadas pela ideia de que o estudante carente (fosse ele um migrante ou de situação econômica parca) não poderia ser prejudicado, vindo, talvez, a abandonar os estudos ou a sacrificar os momentos de instrução. A Casa serviria, então, como possibilidade de economia (visto que cobrava taxas mais módicas que as praticadas pelos hotéis mais “populares”) e de união e entrelaçamento com outros estudantes. A economia, porém tem um preço que, no caso, estaria relacionado às dificuldades e aos esforços feitos no sentido de garantir a manutenção da Casa.

O Centro Estudantal Cearense realizou uma primeira inauguração da sede definitiva da Casa do Estudante localizada até hoje na Rua Nogueira Acioly, na Aldeota, em 11 de agosto de 1941, data que assinalava também a passagem do décimo aniversário de fundação da entidade.¹ Entretanto, a Casa do Estudante só foi plenamente concluída no ano de 1952, passando por uma reforma em 1978, durante a gestão do Prefeito Aires de Moura que havia sido, quando estudante, Diretor desta mesma Casa.

¹ Segundo o Registro de Imóveis da 1.ª Zona, em certidão lavrada no Cartório Crisanto Pimentel em agosto de 1936, o terreno na rua Nogueira Acioly, destinado a Casa, teria oitenta metros de frente e 200 palmos de fundo e havia custado a cifra de 29:000\$000. CEARÁ. Comarca de Fortaleza. Cartório Crisanto Pimentel. Registro de Imóveis da 1.ª Zona. Certidão expedida pelo escrivão João Evangelista Araújo Neto (substituto da Oficial) em 05 de junho de 1996.

Tanto nos momentos em que lutava para garantir a aquisição do terreno quanto nos períodos que antecederam à primeira inauguração parcial da Casa do Estudante, o CEC promoveu diversas e diversificadas campanhas, visando angariar fundos para a compra do terreno e para a edificação do prédio. Dentre elas, é possível destacar aquela realizada durante toda a primeira semana (dias 2,3,4,5,6,7, e 9) do mês de Maio de 1934. O Centro promoveu no Teatro José de Alencar a chamada “Festa das Flôres” com quermesses, conferências, “chás-dançantes” e espetáculos musicais. Tirando-se as despesas de organização da festa, o Centro conseguira arrecadar a quantia de 4:312\$100, o que foi considerado como compensador e proveitoso. Pensando-se na relação do Centro Estudantal com os poderes públicos e com setores da sociedade de Fortaleza, deve-se frisar que o espaço do Teatro havia sido cedido pelo Governo do Estado. De forma semelhante, a Banda do Corpo de Segurança Pública, que durante todas as noites entreteve os visitantes com números musicais, fora cedida pelo então comandante de Segurança Pública Tenente Waldemar Monteiro. Para além da Banda do Corpo de Segurança Pública, os números musicais eram executados por grupos formados por alunos, como o Quinteto Lupar (que contava com a participação ao piano do posteriormente afamado compositor Lauro Maia) e, na noite de encerramento do programa, pela Banda de Música do 23.º Batalhão de Caçadores, ligada, portanto ao Exército. Avaliando que esta programação havia sido coroada de êxitos, o Centro Estudantal estipulava o desejo de realizar festejos semelhantes, até porque considerava como certo e seguro o apoio recebido pela “sociedade de Fortaleza e, em especial de seu magnanimo comercio”.²

A construção da Casa do Estudante é, reiteradas vezes, apresentada como uma obra de solidariedade para com os estudantes vindos do interior do Estado ou para com aqueles menos afortunados. É também sob o signo da solidariedade que o Centro agradecia aos poderes públicos e a segmentos específicos da sociedade de Fortaleza, a exemplo do comércio; como se a solidariedade pretendida pelo CEC dependesse da ação, também solidária de outros setores que não meramente ligados à vida estudantil.

Os principais órgãos de imprensa de Fortaleza (que mesmo tendo orientações políticas divergentes, além de estarem imersos na briga por leitores) dispensavam, em

² A Festa das Flôres. **Folha Estudantal**, Fortaleza: Ano III, N.º 19, Maio de 1934, p. 18-9.

geral, ao Centro Estudantal um tratamento elogioso, pelo menos no que diz respeito à luta em prol da Casa do Estudante, reservando espaço para a divulgação das atividades promovidas, para os debates travados, para as realizações encampadas e para os projetos ansiados. Logo, esta imprensa poderia servir (e serviu) como uma espécie de “panteão da glória”, espaço para a “coroação dos heróis” que teriam contribuído para a edificação da Casa do Estudante, bem como, para outras batalhas do CEC. Em uma matéria veiculada pelo jornal *Unitário* e referente à campanha de arrecadação de fundos no bairro da Aldeota, o jornal afirmava que naquele “aristocrático bairro” já se teria adquirido mais de 1 conto de réis e explicitava os nomes dos maiores doadores: Sr. Pedro Filomeno e Sr. José Torquato, cada qual, contribuindo com 100 mil réis.³

Uma outra maneira de celebrar os que contribuíram para a edificação da Casa do Estudante articula-se, precisamente, com a ideia de que esta casa serviria como marca e como marco definidor de um novo tempo e do surgimento de uma nova juventude: a aposição de fotografias ou placas em certas dependências da Casa. O registro no concreto ou no bronze de um grande donatário, amigo ou bem feitor poderia servir como forma de perpetuação e lembrança; o que poderia incentivar, como complemento, o desejo de conclusão e boa manutenção da Casa do Estudante. As notas divulgadas em jornais ou os agradecimentos proferidos em público através de discursos perdem mais rapidamente a sua base, visto que diariamente há outras notícias e outros assuntos para serem tratados pela imprensa numa velocidade na qual imperaria o imediato e o que poderia circular rapidamente, diariamente. A aposição de uma fotografia ou a nomeação de algum cômodo da Casa, por outro lado, funcionariam como espécie de arquivo, no qual os nomes e os retratos fossem tidos como algo perene e, mais ou menos, isento da alteração frenética verificada nas redações de jornais e da fala fluida e passível de dissipação dos discursos.

Esta relação percebida entre o Centro Estudantal Cearense e os poderes públicos possui uma conotação marcada por um desejo misto de amparo e legitimidade, verificada, ainda que com nuances, de parte a parte. A própria fundação do CEC intentava garantir o que era qualificado como um “direito dos estudantes”, contudo, nas lutas para assegurar tais direitos o Centro não tomava como adversários diretos os

³ Mais de Um Conto na Aldeiota. *Unitário*, Fortaleza: Ano XIX, N.º 7.243, 29 de abril de 1942, p. 8.

poderes constituídos, ao contrário, procurava manter com estes um relacionamento marcado pelo “diálogo” e pela “colaboração”. Sem partir (pelo menos na grande maioria dos casos) para o confronto direto com a administração pública o Centro buscava respaldar suas ações e projetos, conferindo-lhes uma aura de legalidade e legitimidade. Por outro lado, os poderes públicos, de um modo geral, esquivavam-se do embate e da rivalidade com a entidade, buscando antes tomar de empréstimo parte do prestígio e força destes jovens.

Os discursos emanados do Centro Estudantil Cearense e que tinham como objetivo angariar fundos e subsídios para a construção da Casa do Estudante valiam-se de estratégias para a sua legitimidade, aceitação e validade. A cooperação e o sentido de solidariedade eram, dessa forma, apresentados como essenciais e, buscava-se não criar um clima de animosidade, briga ou hostilidade com os poderes públicos, ao contrário, fazia-se o aproveitamento de certas noções e conceitos presentes nos discursos administrativos para, daí, alicerçar os pedidos.

Quando da estada de Getúlio Vargas em Fortaleza no ano de 1940, observa-se o discurso do CEC pronunciado em palanque ao Presidente:

Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas:

— Aqui nesta terra que V. Excia. ora pisa, existe, corporificada por aqueles que crêem no livro e o têm como sua flama redentora, uma comunidade que alimenta fervorosamente, anseios dignificantes, talvez o maior engrandecimento da Pátria, talvez a sua ascensão aos pináculos do concerto internacional. Ela, que marcha decidida com o Brasil para os vastos horizontes que V. Excia., timoneiro de um povo grande e livre, já lhe vai descortinando: ela, eminente senhor, experimenta nos seus recessos aquela fé explicável que toda a nacionalidade deposita no seu guia augusto, hoje em contato direto conosco, ouvindo-nos de viva voz, como a querer dizer-nos: — Brasileiros do Ceará! Eu que, tanto mais longe quanto mais vigilante pelos vossos destinos, comungo convosco espiritualmente em todas as vossas vicissitudes, aqui estou, em vosso doce regasso, num convívio pessoal que muito me apraz, falai, dizei aquilo que vos aflige.⁴

O fato desse memorial ter sido proferido e publicado no mês de Outubro tornou possível que os estudantes pudessem lembrar e cobrar os compromissos da Aliança Liberal. De fato, na introdução deste discurso, diz-se que com a visita de Getúlio Vargas

⁴ Mensagem do estudante cearense ao Presidente da República, sr. Getúlio Vargas. **Unitário**. Fortaleza: Ano XVIII. N.º 3.572, 15 de outubro de 1940, p. 8.

estar-se-ia cumprindo “um dos sagrados postulados de seu programa de governo, que conhecemos desde a plataforma da Aliança Liberal”.⁵ Entretanto, esta cobrança realizava-se de forma sutil, até um pouco velada, uma vez que os pedidos eram feitos tendo por base os próprios discursos e iniciativas defendidos por Vargas. Era a partir de pressupostos presentes no discurso do presidencial que o Centro Estudantal arquitetava suas ambições, desejos e vontades. Partindo de elementos presentes nos próprios discursos presidenciais — como a necessidade de engrandecimento da Pátria, a sua inserção entre as grandes nações do mundo — ou, além disso, caracterizando Getúlio Vargas como um timoneiro, um guia, e também, falando da fé que os jovens estudantes depositariam no chefe do Poder Executivo, o documento expedido pelo CEC intentava mostrar uma concordância com os preceitos defendidos, o que poderia significar a legitimidade dos pedidos feitos. Se tais pedidos estavam em consonância com as ideias e os ideais apregoados pelo governo de Vargas, caberia, então cobrar deste governo a coerência para com estes juízos, demonstrada na forma de apoio e subversões conferidos ao Centro.⁶ A estratégia discursiva utilizada pelo CEC, qual seja, de alicerçar seus pedidos em cima de premissas e conceitos caros ao próprio governo de Getúlio Vargas, acabou levando à caracterização do Brasil e do brasileiro como um povo grande e livre, o que seria arriscado e mesmo leviano, tendo-se em vista a vigência de um momento de exceção, verificado, de uma forma não muito explícita, desde a permanência bastante duradoura de um governo que se afirmava “provisório” até o acirramento verificado com o Estado Novo (1939 – 1945) quando os contornos de um regime autoritário ficaram mais perceptíveis.

Almejando o pronto atendimento de suas reivindicações, a estratégia utilizada pelo Centro Estudantal ia enredando estes pedidos em uma teia de significados e

⁵ Mensagem do estudante cearense ao Presidente da República, sr. Getúlio Vargas. **Unitário**. Fortaleza: Ano XVIII. N.º 3.572, 15 de outubro de 1940, p. 8.

⁶ A importância creditada aos jovens durante o período do primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), e de forma mais acirrada no Estado Novo (1937-1945), balizava-se por certos critérios, noções, ideias, ideais e idealizações que identificavam os moços como aliados imprescindíveis para o alevantamento moral, econômico e político da Nação. A partir destas premissas, buscou-se uma educação mais voltada para os fins pretendidos, como acirrou-se a discussão em torno da constituição de uma entidade nacional, a Juventude Brasileira, que pudesse congrega, orientar e instruir os moços, dentro dos preceitos considerados adequados aos interesses do regime. Sobre os projetos em torno da criação da Juventude Brasileira, cf. ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira de. **Caminhos Cruzados: Os Projetos de Organização Nacional da Juventude durante o Estado Novo**. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, mimeo, 1998.

imagens bastante próximos aos preceitos apregoados e defendidos por Getúlio Vargas, ao ponto de, neste memorial, buscar-se interpretar as palavras que o Presidente supostamente diria e que, certamente, não disse, mas que foram como que “colocadas em sua boca” pelos estudantes. Estas palavras terminavam, estrategicamente, com a suposta vontade de que os jovens manifestassem suas inquietações, como forma do Presidente conhecer mais à fundo quais os motivos de sua aflição. A partir daí, estabelecia-se uma oportunidade de apresentar, de forma mais detalhada, quais os pedidos, os projetos, as intenções e as justificadas para os mesmos:

...permita V. Excia. que lhe falemos daquilo que mais se nos inflama o ideal de moços patriotas e conscios da realidade nacional. Sr. Presidente: — O nosso ideal é tão acendrado, os nossos sentimentos de humanidade tão profundos, a nossa consciencia do dever civico tão elevada, que não nos podemos furtar a uma certa emoção ao termos de aludir a CASA DO ESTUDANTE POBRE DO CEARÁ.⁷

O patriotismo e a consciência da realidade nacional são apresentados como características presentes e marcantes nestes moços. Some-se a isso, a grandeza do ideal defendido, a profundidade dos sentimentos de humanidade e a elevação do conhecimento dos deveres e das responsabilidades cívicas, todos predicados aconselhados e apreciados nos discursos de Getúlio Vargas. Além de todos esses atributos e qualidades, ressalte-se a figura do “novo” jovem, entendido como realizador e mantenedor de uma obra que perduraria no futuro. Ainda como uma estratégia discursiva, deve-se atentar que à denominação da Casa foi, uma vez mais, atrelada a identificação com os pobres, o que endossaria a necessidade de concretização dessa obra, sublinhando seu sentido de urgência e justiça social. Uma possível negação deste pedido não afligiria somente os estudantes, mas todo um universo de pessoas carentes e jovens que não poderia assim tentar minorar sua situação; como se, além de não se fazer justiça (com uma eventual negativa ao pedido) estivesse se insistindo em um estado de injustiça e crueldade. Após esta teia, cozida com sutileza e paciência, no documento esclarecia-se:

Eis, aí, preclaro Presidente, o que lhe pedimos! Eis, aí, em que estão resumidos os nossos ultimos e sobrehumanos esforços, a obra, todavia, assume um certo vulto, e a sua construção, porisso, escapa ás

⁷ Mensagem do estudante cearense ao Presidente da República, sr. Getúlio Vargas. **Unitário**. Fortaleza: Ano XVIII. N.º 3.572, 15 de outubro de 1940, p. 8.

nossas possibilidades. A alma generosa do povo conterrâneo, compreendendo o alcance desse empreendimento do Centro Estudantil Cearense, veio, já, ao nosso encontro com a sua coadjuvação, o que aliás, jamais nos faleceu em todas as nossas reivindicações. Também o governo do Estado não nos desamparou, auxiliando-nos dentro das suas possibilidades. Contando com tudo isso ou com apenas isso, atacamos os serviços, mas suspendemo-los porque o numerário de que dispunhamos não deu senão para levantar o arcabouço. Já vai pra mais de três anos, e no terreno que adquirimos apenas se erguem escalavradas culunatas que, se outra coisa não representam, denotam o arrojo de que é capaz a juventude da Terra da Luz.⁸

Ao falar nos esforços derradeiros e sobre-humanos intentava-se passar a ideia de que Getúlio Vargas seria a última e, talvez, única possibilidade de amparo e salvação, o que, de resto, mantém aproximação com os próprios discursos presidenciais, marcados pelo culto à personalidade, pela exaltação de seu poder de liderança, pela firmeza e senso de justiça de suas decisões. A partir desta representação de Getúlio Vargas como a derradeira possibilidade de auxílio e amparo estabelece-se uma relação na qual a responsabilidade do Poder Executivo Federal é exorbitada, ou seja, a dita sociedade de Fortaleza já teria feito, dentro de suas responsabilidades, a sua parte, o mesmo ocorrendo com os poderes públicos locais e, de uma forma bem mais específica, com os estudantes membros dos CEC; todavia, estes esforços (ainda que conjuntos) não teriam conseguido a completa edificação da Casa do Estudante, o que colocava nas “mãos” Getúlio Vargas o destino da obra pretendida e o peso político de sua decisão. O apoio devotado à causa (a Casa) pelos mais diversos setores da “sociedade” e pelos poderes públicos cearenses viria reforçar o sentido de importância e necessidade, a consciência de que tratava-se de algo justo e bom, de inadiável realização. Continuando com o pedido, tem-se que:

Doutor Getúlio Vargas: — O ideal que nos robustece em todas as aprovações é o mesmo que inspira o presente memorial. Com fé no altíssimo e confiando no espírito eleito de V. Excia., os estudantes cearenses depositamos em suas mãos os nossos destinos, certos de que o que há feito pelo Brasil e ao que, pelos seus acendrados sentimentos de patriotismo, ainda poderá fazer, haverá de estender-se até nós, que lhe pedimos a conclusão das obras da CASA DO ESTUDANTE DO CEARÁ.⁹

⁸ Mensagem do estudante cearense ao Presidente da República, sr. Getúlio Vargas. **Unitário**. Fortaleza: Ano XVIII. N.º 3.572, 15 de outubro de 1940, p. 8.

⁹ Ibid.

Para tornar lícita a cobrança de uma coerência para com os discursos e preceitos defendidos pelo presidente Getúlio Vargas, os jovens estudantes do CEC – através deste documento, assinado pelo presidente interino da entidade José de Araújo Barreto – buscavam mostrar a sua própria coerência, afirmando que o ideal que os impeliaria para a luta e para os esforços sobre-humanos seria o mesmo que motivava o memorial enviado e as subvenções pleiteadas. Ainda como forma de exigir a coerência governamental, os jovens estudantes diziam esperar que o sentimento de patriotismo que levara Vargas a realizar coisas importantes e significativas pelo e para o Brasil o levasse, também, a ajudar ao CEC que teria ideais semelhantes, marcados pela relevância creditada aos moços e pela exaltação dos sentimentos patrióticos.

Observa-se, portanto, uma relação de poderes: o Centro Estudantil Cearense, tido como o detentor do poder de representação dos estudantes filiados; e Getúlio Vargas, percebido como aquele que teria em suas mãos a faculdade de representar o “povo”. Essa relação é, então, perpassada por uma estratégia que busca adequar e dimensionar elementos do discurso varguista aos ideais e objetivos dos jovens estudantes. Um dos pontos principais desta adequação dos discursos presidenciais concerne ao destacado papel da juventude como salvaguarda de determinados valores e ideais patrióticos. Logo, o pedido feito pelos estudantes busca apresentar-se como legítimo, uma vez que emanados de jovens dispostos à luta e ao sacrifício, empenhados e patrióticos e, mais, visando amparar àqueles que parecem ser “filhos bastardos do pai-dos-pobres” que, com a ajuda para a solidificação dos alicerces e das colunatas cívicas, reconheceria a paternidade sobre eles.¹⁰

¹⁰ Jorge Luiz Ferreira ao analisar uma vasta documentação, composta de várias correspondências enviadas à Secretaria da Presidência da República (1930 – 1965), propõe que parte significativa das cartas endereçadas ao Gabinete da Presidência da República utilizava-se, em maior ou menor grau, de uma estratégia que buscava adequar, aos fins pretendidos, elementos e ideias presentes nos discursos de Getúlio Vargas. Os remetentes procurariam tirar algum proveito ou benefício das lutas políticas e das desavenças pessoais. Ao fazerem o uso de conceitos e noções que serviriam de base ao governo de Vargas, as cartas como que pinçavam os elementos principais, elegendo somente aqueles que pudessem ser revertidos em auxílio, motivo pelo qual, os trabalhadores evitavam falar do autoritarismo e da repressão, preferindo concentrar seus pedidos a partir da legislação e dos ideais defendidos por Vargas, acerca do trabalho, da família, da moralidade e do progresso. A estratégia utilizada pelo Centro Estudantil Cearense para pedir a conclusão das obras da Casa do Estudante também é perpassada por uma adequação de certas noções e projetos defendidos por Getúlio Vargas e, de modo análogo são eleitos alguns temas mais gerais e pertinentes aos pedidos feitos, silenciando-se sobre outras questões que poderiam complicar ou comprometer o auxílio pleiteado. Conferir

O Centro Estudantal Cearense que, segundo informa o jornal *O Nordeste*¹¹, já teria recebido em duas ocasiões (Outubro de 1938 a Agosto de 1940), subvenções federais arbitradas pelo próprio Getúlio Vargas, a primeira no valor de seis contos de réis e a segunda, de cinco contos, pleiteou ainda, junto ao Ministro Gustavo Capanema, encarregado da pasta de Educação, outros auxílios financeiros, vindo a receber, com a anuência do Presidente da República, a quantia de 70 contos de réis para a construção da Casa do Estudante.¹²

A construção da Casa do Estudante articula-se, muito estreitamente, com o desejo de esboçar uma identidade juvenil. Num primeiro plano, pelo fato de possibilitar aos mais carentes uma economia e a própria permanência nos estudos. Ora, ao estimular e facultar o acesso dos mais pobres (ou daqueles alunos vindos do interior do Estado) estava-se voltando ao raciocínio segundo o qual, os jovens de então seriam portadores de um novo tipo de sensibilidade, mais responsáveis, mais justos, mais ordeiros e mais compromissados. Por outro lado, a educação é entendida como uma possibilidade de amadurecimento ou mesmo de absorção destes predicados, tão importantes para a ideia de juventude. Assim, a educação, que em tese estaria sendo possibilitada e facilitada para alguns através da criação da Casa do Estudante, serviria para estreitar, ainda mais os laços de união, solidariedade e identificação entre estes jovens. A Casa seria construída, não apenas por um gesto de educação, mas também, e talvez, fundamentalmente, para a educação.

Com mais de 60 (sessenta) quartos, a Casa do Estudante facultou, para muitos, a continuidade dos estudos e formação intelectual. Ainda que se possa questionar alguns preceitos e formas de encaminhamento de algumas ambições, não se pode desconsiderar

FERREIRA, Jorge Luiz. **Trabalhadores no Brasil**. O Imaginário Popular. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

¹¹ Sobre a primeira subvenção ver *O Nordeste*. Fortaleza: Ano XVIII, N.º 5.063, 17 de Outubro de 1938, p. 01 e no que se refere à segunda, ver *O Nordeste*. Fortaleza: Ano XIX, N.º 5.526, 20 de Agosto de 1940, p. 07. Sobre a subvenção conseguida junto ao Ministro Gustavo Capanema, ver o jornal **Unitário**. Fortaleza: Ano XIX, N.º 7.357, 12 de Setembro de 1942, p. 6.

¹² Para angariar a quantia de 70 contos de réis, o Centro Estudantal Cearense enviou ao Congresso Brasileiro de Estudantes, realizado em 1942 no Rio de Janeiro, o acadêmico Alvaro Lins Cavalcante. A estratégia para garantir o auxílio pode ser percebida pelo fato de que, segundo declaração do próprio enviado: “não fui ao Rio somente participar do importante certamen. A minha principal função foi, acima de tudo, tratar dos magnos problemas da classe a que pertencço”. **Unitário**. Ano: XIX, N.º 7.389, 20 de Outubro de 1942, p. 8.

a pertinência desta obra, sua importância para os estudantes, quer da capital, quer do interior do Estado cearense, e mesmo de outros Estados. A existência da Casa do Estudante pôde favorecer o desenvolvimento de várias carreiras profissionais. Causa tristeza e indignação que, nos dias de hoje, a Casa esteja marcada pelo abandono e pelo descaso que, aos poucos, vai dificultando a possibilidade de moradia, como também, minando e corroendo as estruturas de uma obra que se pretendia eterna, sinal de um novo tempo, divisor, marco e marca de um tempo que era definido e apresentado como “novo”.